

FUNCIONALISMO E ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES: ALGUMAS IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA

Juliano Desiderato Antonio¹

RESUMO

O ensino de gramática tem sido relegado a segundo plano e tem até sido abandonado nas aulas de Língua Portuguesa do Ensino Médio e do Ensino Fundamental. Neste trabalho, defende-se o ensino de gramática com base em um modelo que possa explicar as funções exercidas pelos elementos que constituem um texto na construção de seu sentido. Como exemplo, apresenta-se a visão do funcionalismo a respeito da articulação de orações no discurso.

Palavras-chave: funcionalismo; ensino; articulação de orações.

ABSTRACT

The teaching of grammar has been put aside in portuguese language lessons for “Ensino Médio” and for “Ensino Fundamental”. This paper argues for the teaching of grammar based on a model that explains the functions of the linguistic elements which constitute a text. The functionalist approach to clause combining in discourse is given as example.

Key words: functionalism, language teaching, clause combining.

¹ Doutorando da Unesp/CAR. Professor da Universidade Estadual de Maringá. Departamento de Letras. Av. Colombo, 5790. *Campus* Universitário. Maringá – PR. CEP 87020-900.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

A compreensão inadequada de algumas das novas propostas de ensino de Língua Portuguesa tem levado muitos professores e alunos do curso de Letras a imaginar que o trabalho com o texto em sala de aula deve substituir as aulas de gramática. Essas propostas não são entendidas na sua íntegra devido ao desconhecimento, por parte de muitos, de outros modelos de gramática além do modelo normativo, e também devido ao desconhecimento de outras formas de se trabalhar com o texto, além da leitura e da interpretação.

Se, por um lado, há 20 ou 30 anos, o ensino da gramática normativa era um fim em si mesmo e havia a necessidade de se defender o estudo do texto, por outro lado, hoje, a preocupação com o estudo do sentido do texto sem se levar em conta a gramática que articula esse sentido também é deficitária. O sentido do texto é estabelecido a partir das relações que se estabelecem entre elementos dos mais diferentes níveis: palavras, sintagmas, orações e porções maiores de texto como parágrafo e unidade tópica. Assim, o modelo de gramática que se defende aqui é um modelo que possa explicar as funções exercidas pelos elementos que constituem um texto na construção de seu sentido. Não se está negando, com isso, que o estudo exegético do sentido do texto, tal como propõem a *Linguística Textual* e a *Análise do Discurso*, não possa ser feito. A posição que se defende aqui é que não se deve imaginar que se possa chegar ao sentido do texto sem uma gramática que explique como esse sentido foi produzido.

Neste trabalho, utiliza-se como modelo teórico-metodológico o funcionalismo. Para os funcionalistas, o objetivo do estudo da gramática é explicar as funções dos meios linguísticos de expressão, ou seja, explicar como os falantes usam a língua para se comunicar com êxito (Ivir, 1987).

Baseando-se principalmente no modelo de Halliday (1985) e no modelo de Matthiessen & Thompson (1988), será apresentada a visão funcionalista da articulação de orações, contraposta à visão tradicional. Em seguida, serão elaboradas algumas considerações a

respeito da visão funcionalista da articulação de orações e suas implicações para o ensino de gramática.

2. A ARTICULAÇÃO DE ORAÇÕES

A visão dicotômica das gramáticas tradicionais no que diz respeito ao período composto estabelece uma divisão entre coordenação e subordinação. A coordenação é definida como um tipo de construção em que uma oração não funciona como termo da outra, podendo apenas uma enriquecer o sentido da outra (Bechara, 1999; Cunha & Cintra, 1985). A subordinação, por sua vez, é vista como um tipo de construção em que uma oração, a subordinada, desempenha função sintática de substantivo, de adjetivo ou de advérbio em outra oração, a principal (Bechara, 1999; Cunha & Cintra, 1985).

No modelo funcionalista, a divisão dicotômica entre coordenação e subordinação é revista. Halliday (1985) propõe duas dimensões para o estudo da articulação de orações: (i) o sistema tático, ou de interdependência; (ii) o sistema de relações lógico-semânticas.

(i) No sistema tático, há dois tipos de interdependência: paratática e hipotática. No primeiro caso, a relação se estabelece entre elementos de mesmo status, sem que um dependa do outro. No segundo caso, o status dos elementos não é igual, ou seja, um elemento modifica o outro, sendo o modificador dependente do modificado;

(ii) No sistema de relações lógico-semânticas, as relações que podem ser estabelecidas entre os elementos de um complexo são agrupadas por Halliday (*op. cit.*) em dois tipos fundamentais: (1) expansão e (2) projeção.

(1) Expansão: uma oração pode expandir a outra de três maneiras: (a) por elaboração; (b) por extensão; (c) por encarecimento.

(1a) Elaboração: uma oração pode expandir a outra reafirmando seu conteúdo com outras palavras, especificando seu conteúdo com maiores detalhes, comentando ou exemplificando seu conteúdo.

(1b) Extensão: uma oração pode expandir a outra acrescentando um novo elemento, apresentando uma exceção, oferecendo uma alternativa.

(1c) Encarecimento ou realce: uma oração pode expandir a outra qualificando seu conteúdo com traços circunstanciais de tempo, de lugar, de causa, de modo, de condição.

(2) Projeção: uma oração se projeta sobre a outra, funcionando como representação da própria representação linguística.

Halliday (*op. cit.*) ainda apresenta o mecanismo de encaixamento de orações, em que uma oração funciona como um constituinte na estrutura de um grupo que, por sua vez, funciona como constituinte da estrutura da oração.

Da combinação do sistema lógico-semântico com o sistema tático e com o mecanismo de encaixamento, resultam alguns dos tipos de orações, conforme os exemplos a seguir:

- elaboração + parataxe: orações coordenadas assindéticas;
- elaboração + hipotaxe: orações adjetivas explicativas (não-restritivas);
- elaboração + encaixamento: orações adjetivas restritivas;
- encarecimento + hipotaxe: orações adverbiais.

Seguindo a distinção estabelecida por Halliday (*op. cit.*), Matthiessen & Thompson (1988) opõem a combinação de orações ao mecanismo de encaixamento, no qual as orações não se combinam. No encaixamento, estão incluídas as orações substantivas e as orações adjetivas restritivas da gramática tradicional.

A combinação de orações pode ser estabelecida em dois níveis diferentes, de acordo com o tipo de interdependência: paratática ou hipotática. Nas combinações de orações paratáticas, duas ou mais orações se combinam sem que uma seja parte constituinte da outra. Para Matthiessen & Thompson (*op. cit.*), são relações do tipo listagem. Nas combinações de orações hipotáticas, em especial na

hipotaxe de encarecimento, uma oração estabelece relação circunstancial com a outra, indicando condição, causa, propósito, modo, tempo, etc. As relações estabelecidas dessa forma são consideradas por Matthiessen & Thompson (*op. cit.*) do tipo núcleo-satélite, pois uma oração é ancilar da outra, ou seja, a oração que funciona como satélite fornece subsídio para a oração que funciona como núcleo.

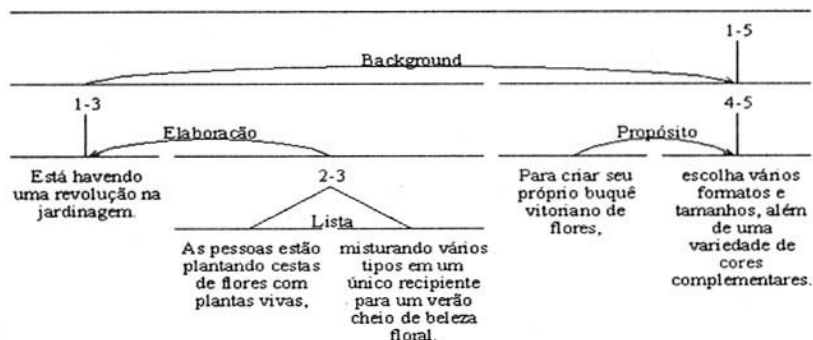
Matthiessen & Thompson (*op. cit.*) afirmam que a gramática da combinação de orações reflete a estrutura retórica (organizacional) do discurso, ou seja, há, no nível do discurso, relações do tipo listagem e do tipo núcleo-satélite. Esses autores apresentam um rol de relações que podem ser estabelecidas entre as porções que compõem o texto. Nesse rol, que não é fechado, ou seja, podem ser incluídas novas relações de acordo com as necessidades de quem analisa o texto, há relações multinucleares (ou do tipo listagem) e relações do tipo núcleo-satélite, como se pode observar a seguir:

- Relações multinucleares: seqüência, lista, contraste;
- Relações núcleo-satélite: elaboração, circunstância, solução, causa, resultado, propósito, condição, interpretação, meio, avaliação, reafirmação, resumo, seqüência, contraste; motivação, antítese, *background*, competência, evidência, justificativa, concessão, preparação.

O texto a seguir, encontrado em Matthiessen & Thompson (*op. cit.*, p. 306) e traduzido por nós, será utilizado para exemplificar como se dá o estabelecimento dessas relações no nível do discurso. Na figura 1, encontra-se o esquema da estrutura retórica desse texto.

“Está havendo uma revolução na jardinagem. As pessoas estão plantando cestas de flores com plantas vivas, misturando vários tipos em um único recipiente para um verão cheio de beleza floral. Para criar seu próprio buquê vitoriano de flores, escolha vários formatos e tamanhos, além de uma variedade de cores complementares.”

Figura 1 – Estrutura retórica do texto “Revolução na jardinagem”.



Como se pode observar, a análise da estrutura retórica do texto leva em conta tanto orações quanto porções maiores do texto, como a porção formada pelas unidades de 1 a 3, como a porção formada pelas unidades 4 e 5 e ainda como a porção de texto formada pelas unidades 2 e 3.

Entre as unidades 4 e 5, estabelece-se uma relação do tipo núcleo-satélite, na qual a unidade 4 funciona como satélite da unidade 5, indicando propósito/finalidade. Entre as unidades 2 e 3, por outro lado, estabelece-se uma relação multinuclear de lista. A porção de texto formada pelas unidades 2 e 3, por sua vez, funciona como satélite da unidade 1, estabelecendo uma relação de elaboração, ou seja, acrescentando maiores informações ao conteúdo veiculado pelo núcleo. Essa porção de texto formada pelas unidades de 1 a 3 estabelece, então, com a porção de texto formada pelas unidades 4 e 5, uma relação de *background*. Nessa relação, a porção que funciona como satélite traz informações prévias sem as quais fica difícil entender o conteúdo do núcleo.

A análise da estrutura retórica desse pequeno texto serve para mostrar que os mesmos tipos de relações que se estabelecem entre porções maiores de texto (núcleo satélite e listagem) são estabelecidos também entre orações. Dessa forma, Matthiessen & Thompson (*op. cit.*, p. 301) defendem que “a combinação de orações

na gramática é uma gramaticalização das unidades retóricas do discurso definidas por relações retóricas” (tradução nossa).

Assim, ao contrário do modelo tradicional, no modelo funcionalista, a ‘coordenação’ e a ‘subordinação’ não são vistas como categorias estanques e antagônicas. Autores como Lehmann (1988) e Givón (1990) sugerem que essas categorias são, na verdade, um contínuo, que vai da parataxe ao encaixamento, havendo uma menor dependência na parataxe e uma maior dependência no encaixamento. Esses autores também defendem que nenhuma oração é completamente independente do contexto oracional imediato em que ocorre. O contínuo sugerido por Lehmann e Givón pode ser melhor visualizado por meio de traços: parataxe [-dependente] [-encaixada]; hipotaxe [+dependente] [-encaixada]; encaixamento [+dependente] [+encaixada].

3. IMPLICAÇÕES PARA O ENSINO DE GRAMÁTICA E CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma vez que se considere o texto como a unidade lingüística da comunicação, o estudo da articulação de orações não pode ser feito de forma descontextualizada. O aluno de Língua Portuguesa deve aprender a verificar, a partir das relações estabelecidas entre orações e entre porções maiores de texto, que função as orações exercem para que o produtor do texto atinja seus objetivos comunicativos.

Dessa maneira, o aluno deixa de estudar a gramática apenas para fins classificatórios, preocupando-se com as relações envolvidas na organização do enunciado e podendo apropriar-se de recursos eficientes para o uso da língua.

Espera-se que este trabalho tenha contribuído de alguma forma para uma reflexão sobre o tema da articulação de orações e sua relação com o ensino de gramática, suscitando novos questionamentos e também outros posicionamentos sobre essa questão.

REFERÊNCIAS

- BECHARA, E. *Moderna Gramática Portuguesa*. 37. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- CUNHA, Celso e CINTRA, Lindley. *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. 2. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- GIVÓN, T. *Syntax: a functional-typological introduction*. Amsterdam/Philadelphia, 1990. v. II.
- HALLIDAY, M. A. K. *An introduction to functional grammar*. Baltimore: E. Arnold, 1985.
- IVIR, V. Functionalism in Contrastive Analysis and Translation Studies. In: DIRVEN, R. & FRIED, V. (eds.) *Functionalism in Linguistics*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1987. p. 471-481.
- LEHMAN, C. Towards a typology of clause linkage. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. A. (eds.). *Clause combining in grammar and discourse*. Amsterdam: J. Benjamins, 1988.
- MATTHIESSEN, C. & THOMPSON, S. The structure of discourse and 'subordination'. In: HAIMAN, J., THOMPSON, S. (eds.) *Clause Combining in Grammar and Discourse*. Amsterdam/Philadelphia: J. Benjamins, 1988.